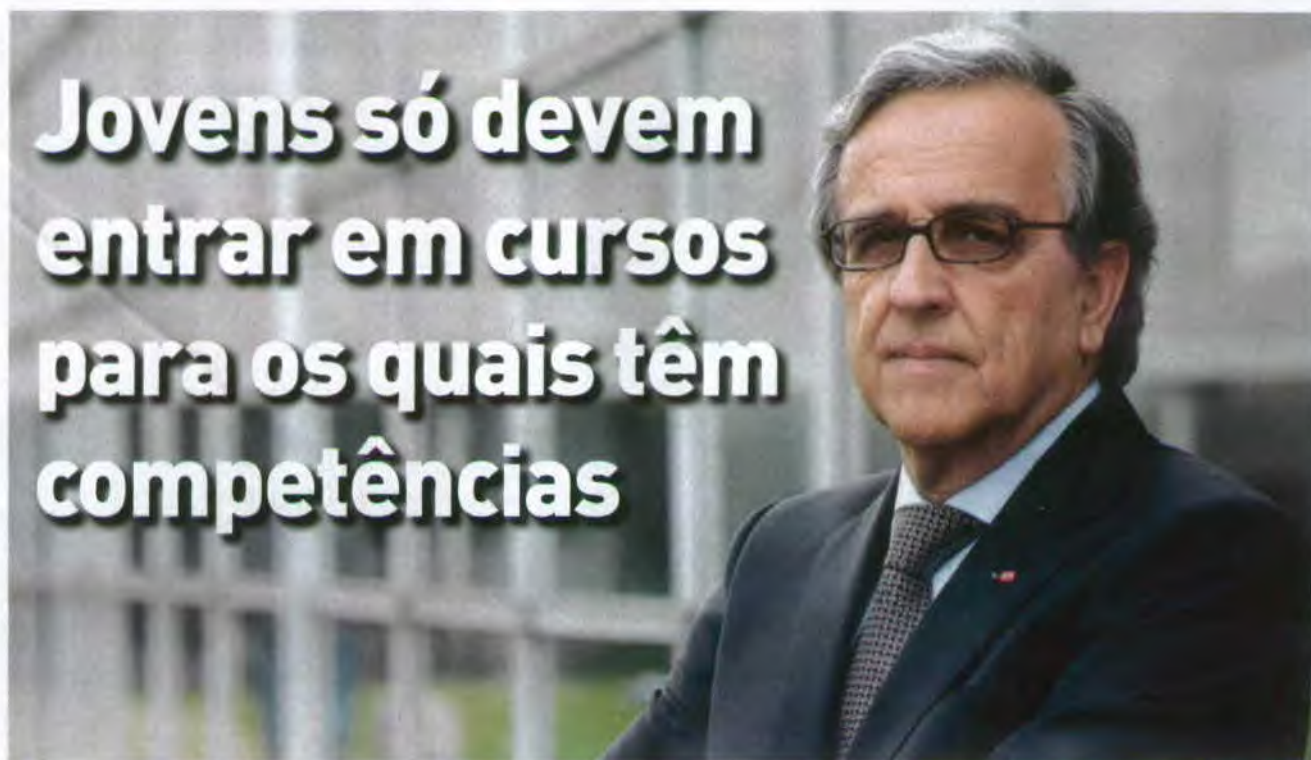


## Entrevista

# Jovens só devem entrar em cursos para os quais têm competências



O reitor da Universidade do Porto defende que o regime de acesso ao Ensino Superior deve ser revisto. Esta é, aliás, uma medida já anunciada pelo ministro da Ciência e Ensino Superior, Manuel Heitor, que está a analisar as alterações que vão ser adotadas. Com as novas regras no acesso às universidades e politécnicos ainda por conhecer, Sebastião Feyo de Azevedo, entende que devem ser criados critérios específicos para cada área de estudos de forma a garantir que os alunos entrem em cursos para os quais "tenham as necessárias competências e apetências".

**C**omo têm sobrevivido as universidades aos sucessivos cortes orçamentais?

As Universidades estão há cinco anos num processo de diminuição orçamental consecutivo, desde o orçamento de 2011. Normalizando

com as flutuações orçamentais dos últimos anos, o corte ao orçamento da U.Porto, por exemplo, foi superior a 20%. Se tivermos em conta a inflação, o corte chega aos 30% nestes anos. Estes cortes têm representado uma limitação muito significativa ao nosso desenvolvimento, à expressão

devida do nosso imenso potencial humano e patrimonial. Só seremos capazes de criar condições competitivas de desenvolvimento se adotarmos um modelo de governação integrada das instituições: integrada na perspectiva da multidisciplinaridade que caracteriza uma universidade e na gestão das carreiras e dos recursos humanos.

**O ministro Manuel Heitor quer alterar as regras de acesso ao Ensino Superior. Qual é a sua posição?**

O atual modelo necessita de ser reformulado, mas qualquer nova solução deve ter como princípios basilares a exigência e a equidade de acesso. Devem exigir-se conhecimentos nucleares para as diferentes áreas. É preciso entender que os nossos jovens só deveriam entrar em cursos para os quais tivessem as necessárias competências e apetências. Na medida em que temos concursos nacionais, e creio que ainda não há condições para alterar esta política, devem exigir-se critérios harmonizados para cada área, de forma a aumentar a



## Quem é Sebastião Feyo de Azevedo?

Sebastião Feyo Azevedo foi eleito há um ano o 18.º reitor da Universidade do Porto, tendo sido, até essa altura, diretor da Faculdade de Engenharia da In-victa. Com 65 anos, lidera uma das mais prestigiadas universidades do país e é professor catedrático com carreira feita no Ensino Superior. Nasceu a 1 de junho de 1951 na cidade do Porto, onde se licenciou em Engenharia Química, em 1973, e doutorou-se pela Universidade do País de Gales (Reino Unido) em 1982. É professor catedrático da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto desde 1998, função que acumula com a de investigador no LEPABE - Laboratório de Engenharia de Processos, Ambiente, Biotecnologia e Energia da FEUP.

equidade num quadro muito exigente de qualidade.

### Qual a sua opinião sobre os rankings?

São instrumentos importantes, relevantes, para a vida das nossas instituições e fatores a ter em conta para o nosso desenvolvimento. Temos de os olhar com parcimónia, mas de forma positiva, extrair conclusões e mesmo consequências. No caso das universidades são divulgados vários rankings internacionais, construídos com base em critérios diferentes. Cada um de *per si* tem limitações claras, mas no conjunto dão uma indicação igualmente clara do valor relativo das instituições. Reconhecemos que existe controvérsia, por razões várias, incluindo razões ideológicas. Numa visão pragmática, goste-se ou não, eles existem na nossa vida moderna e como tal temos de os compreender e deles extrair conclusões.

### Quais são as vantagens e desvantagens dos rankings para as universidades?

Do ponto de vista externo, os rankings são um fator, não o único, para a construção da reputação da instituição. E reputação é essencial para o valor fundamental do desenvolvimento nas sociedades abertas, gera confiança. Internamente, se estudarmos com cuidado os rankings, o que muitos não fazem, ajudam-nos a perceber o nosso potencial, pela positiva e pela negativa.

### Qual é o grau de influência dos rankings no investimento das universidades?

As universidades portuguesas vivem com um deficit orçamental que dificilmente lhes permite desviar verbas em função dessas informações. Deveria ser possível contratualizar programas de médio prazo, nomeadamente no recrutamento de investigadores internacionais.

### As universidades portuguesas que surgem nos rankings internacionais deviam receber alguma compensação no financiamento do Estado?

O Estado deveria ter a capacidade de contratualizar de forma diferenciada a atividade das universidades, mas principalmente deveria visitar os modelos de governação que tornasse a sua ação mais flexível e adaptada aos desafios modernos.

### Concorda com a criação de um ranking nacional feito pelo Estado?

Não. Devemos trabalhar sempre no contexto internacional de referenciais de qualidade. ■

